

TENSÃO NO RIO

Como os anteriores, esse terceiro longa de Gustavo Dahl também enfrentou problemas graves de produção. *O bravo guerreiro* só não parou porque o ator Paulo César Pereio apresentou o cineasta ao produtor Joe Kantor, que bancava a peça *Roda viva*, onde ele trabalhava. *Uirá*, apesar da grana da televisão italiana, enfrentou uma grande crise, com a equipe ilhada e faminta numa aldeia urubu-kaapor nas brenhas do Maranhão. Era de se esperar que o terceiro, *Tensão no Rio*, realizado depois de sua vitoriosa passagem pela distribuidora da Embrafilme, e nitidamente com maior abertura comercial, escapasse dessa triste sina. Não foi o que aconteceu.

O filme foi anunciado em meados de 1980. Num depoimento para Ricardo Gomes Leite em O Estado de Minas, Dahl planeja algo com “um tom de filme de aventura como *Topaze* ou *Cortina rasgada*, de Hitchcock, a beleza fulminante de *Os corruptos*, de Lang, que chegue ao espectador pelos sentimentos e por uma escritura cinematográfica clara e cálida”. Iniciado logo depois, o filme foi interrompido em 1981, retomado em 1983 (“como manter orçamento com inflação de 100%?”) e só chegou ao público no início de 1985. Uma saga sofrida. Não teve boa recepção crítica, nem foi premiado em Gramado (onde, no entanto, encantou Ana Carolina e Zé Celso). Se não me falha a memória, houve apenas uma crítica abertamente favorável, de Wilson Cunha, no *Jornal do Brasil*, que fala em “fascinante viagem”. Aqui mesmo na *Filme Cultura*, uma resenha depreciativa, escrita por jovem diplomata com veleidades a escritor, foi publicada no nº 44, curiosamente editado por um consultor do roteiro do filme. Mereceu uma carta-resposta irônica, porém sentida.

Em outras ocasiões, Gustavo Dahl se referiu a *Tensão no Rio* como uma “montagem bem-humorada de clichês sobre situações que se repetem na América Latina” (ver *press-book* de lançamento). Com efeito, temos o ditador militar de um país fictício, que lembra Pinochet ou Perón. Uma primeira dama espantosa, adúltera, porém ciumenta, com traços do personagem de Maria Félix em *Los ambiciosos* do Buñuel. E chamada Dolores, como Dolores del Río, outra diva mexicana. Um astrólogo e vidente, como Lopez Rega, eminência parda do governo Isabelita Perón, de triste memória, ou Yokanaan, piloto de Getúlio, posteriormente o místico fundador do Vale do Amanhecer, em Brasília. O país do ditador se chama Valdivia, que é uma cidade chilena, mas a palavra se escande quase como Bolívia. Como esta, na época do filme, vivia de exportação de drogas e era pródiga em golpes militares. Acabam de descobrir petróleo, como na Venezuela e Equador. E sua capital se chama Antágua, como se fosse Manágua, onde os guerrilheiros sandinistas tinham derrubado pouco antes o regime da dinastia Somoza. Há um atentado mortal contra um líder opositor no exílio, como aconteceu com o chileno Orlando Letelier na capital americana. Em determinado momento, a câmera se detém numa placa de trânsito onde se lê Riocentro – local de um atentado

frustrado que provocou séria crise política entre nós. Militares golpistas. Militares nacionalistas. Militares torturadores. E, no meio dessa confusão, um investigativo correspondente americano do jornal *Washington Post* (que derrubara Nixon ao divulgar o escândalo Watergate), com disposição para James Bond.

O resultado, ainda segundo o próprio autor, esteticamente oscila entre um estilo Columbia Pictures, fotografado por Murilo Salles quando ainda havia dinheiro, e um estilo Pel-Mex, a distribuidora estatal mexicana, a cargo de Antonio Luís, quando o filme recomeçou. O elenco enfrenta bem o tranco, talvez por ser ele mesmo bastante eclético e muito eficiente. Anselmo Duarte, José Lewgoy e Norma Bengell começaram na Atlântida. Lílían Lemmertz era então a grande musa de Walter Hugo Khoury. Nelson Xavier, Dina Sfat, Ivan Cândido e Ana Maria Magalhães vinham do Cinema Novo. E Gracindo Junior, Roberto de Cleto, Fábio Sabag e Raul Cortez, do teatro. Ari Leite era um célebre comico da televisão.

A trama é voluntariamente aventureira. Numa visita oficial ao Brasil, o ditador de Valdivia é surpreendido com o assassinato de seu principal opositor no exílio, que provoca uma crise política em seu país de origem. Enquanto aguarda os acontecimentos na embaixada no Rio, procura, com seus métodos ilegais e truculentos, descobrir o responsável. Paralelamente, um jornalista americano investiga por conta própria. E ainda temos interferências do Itamaraty, às voltas com esse hóspede mais que incômodo, e da oposição valdivense, tanto a dos jovens militares nacionalistas, quanto a das populações indígenas. E curiosidades paralelas, como as aventuras extraconjugais do casal ditatorial, e também do jornalista com uma funcionária brasileira do Ministério das Relações Exteriores. Tudo entrelaçado, como num bom filme de ação. “Não subestime a América Latina. É um continente surpreendente” – diz alguém em certo momento.

O diretor se utiliza dos mais variados recursos narrativos. Logo na primeira sequência, um casal conversa amenidades, se despede, o carro dele explode, ela grita. Entram os créditos. Abertura clássica hitchcockiana. Em outro momento, o espectador recebe a notícia da execução de um estudante a sangue frio através de um noticiário televisivo. Recurso também clássico, utilizado em *Cidadão Kane*, *Terra em transe* e *O bandido da luz vermelha*. Temos uma sequência erótica desnecessária e quase de mau gosto entre a Primeira Dama e seu motorista, na Floresta da Tijuca, homenagem ou concessão ao então pujante cinema da Boca do Lixo. A entrada do jornalista na embaixada pulando o muro de touca ninja é sem dúvida uma citação dos filmes de 007, ou de *Ladrão de casaca*, outro Hitchcock. A melhor sequência, admiravelmente fotografada no estilo Columbia, o encontro entre o ditador e o vidente, tem um clima de cinema fantástico. E a segunda melhor, a invasão da embaixada pelos golpistas, com a morte do ditador e o discurso do militar golpista para a imprensa, com eficiente montagem, é típica do gênero *thriller*. Mas temos também duas cenas abertamente cômicas, que quebram a solenidade. A ida do americano à delegacia, e, no final, sua viagem de táxi ao aeroporto, quando o motorista comenta o que houve na embaixada: “Eu não entendi nada!” São as últimas palavras ditas no filme, que, no entanto, ainda prossegue por alguns minutos. Podemos quase ouvir o sorriso de ironia do cineasta.

ACERVO FUNARTE





Gustavo Dahl, como a maioria dos cineastas da sua geração, chama para si todas as responsabilidades de sua obra. Ele é produtor, diretor, roteirista e montador de *Tensão no Rio*. Sua *mise-en-scène* utiliza com muita competência a paisagem e a arquitetura carioca, neo-clássica, *art-déco* ou moderna. A trilha sonora, seja a original de Arrigo Barnabé, ao estilo dos tangos progressivos de Astor Piazzolla, ou os trechos de Béla Bartók e Anton Webern, evita o envolvimento emocional do espectador, tão comum às trilhas sonoras de segunda linha. Sublinha, como que racionalmente, o embaralhamento da ação. Há belos movimentos de câmera, e sequências inteiras dignas da sofisticação gustaviana. Não apenas a já citada do vidente, mas também a do encontro do ditador e sua amante numa tenda na beira da praia, composta com alternância de planos médios e gerais. Cena curta e de pouca interferência na trama, mas visualmente inesquecível.

Entretanto não é exagero afirmar que *Tensão no Rio* é feito de altos e baixos (os baixos mais na trama do que na encenação), sendo um filme interessante, porém frustrado. Foi a última obra de alguém que dedicou toda a sua vida ao cinema, e merecia uma filmografia mais extensa. No final da vida voltou a sonhar com outros projetos. Lembro de dois. Um filme de montagem, com trilha sonora original, apenas com os planos gerais de Humberto Mauro feitos no interior de Minas Gerais. E um de ficção sobre a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, não mais como chanchada ou comédia de costumes, mas recuperando o personagem injustiçado de Dom João VI, que Gustavo Dahl acreditava (com razão) ser uma espécie de herói fundador da nação brasileira. Pensava ele mesmo interpretar Sua Majestade. O que demonstra o conceito que tinha de si mesmo e seu papel na cultura brasileira. Nada modesto, porém absolutamente justificado.

ACERVO FUNARTE

